

## O ERUDITO E O POPULAR: O MITO GRECO-ROMANO EM VERSOS DE CORDEL

---

### *The Erudite and the Popular: The Greco-Roman Myth in Cordel Verses*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-50

Naelza de Araújo Wanderley\*

---

**RESUMO:** A capacidade de perpetuação e de multiplicação interpretativa proporcionada pelo mito greco-romano junto a gerações de leitores da prosa e da poesia atravessou o tempo e a literatura, tanto aquela considerada clássica quanto a popular. Assim sendo, o nosso trabalho tem como objetivo observar a retomada dessa mitologia pelo poeta popular, desde meados do século passado até a contemporaneidade, como fonte de inspiração para as narrativas poéticas da literatura de cordel, adaptando histórias, personagens e façanhas ao gosto de seus leitores. Essa postura do cordelista, quando se coloca como uma espécie de "tradutor"/mediador desse conteúdo, possibilita a seu público não somente o contato com obras e personagens da literatura universal, mas também o envolve no fascínio e sedução que o universo mitológico encerra, estendendo-se ao imaginário do povo, que, no processo de recepção, também o ressignifica, quando é convidado a conhecer o amplo cenário das histórias revisitadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poeta popular. Mitologia greco-romana. Literatura de cordel. Reconto de histórias. Leitores.

**ABSTRACT:** The ability of the Greco-Roman myth to perpetuate and multiply interpretations for generations of readers of prose and poetry has spanned time and literature, both classical and popular. This article aims to observe how popular poets have taken up this mythology from the mid-20th century to date as a source of inspiration for the poetic narratives of cordel literature, adapting stories, characters and feats to the tastes of their readers. The cordelist's stance, when he acts as a kind of "translator" / mediator of this content, not only enables this audience to come into contact with texts and characters from universal literature, but also involves them in the fascination and seduction that the mythological universe holds. In doing so, he extends it to the imagination of the people, who, in the process of reception, also resignify it when they are invited to get to know the broad scenario of the revisited stories.

**KEYWORDS:** Popular poet. Greco-Roman mythology. Cordel literature. Recount of stories. Readers.

---

---

\*\* Doutora em Letras (UFPB). Professora Titular da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). ORCID: 0000-0002-3622-7317. E-mail: naelzanobrega(AT)gmail.com

## 1 Introdução

Em seu livro *Mito e realidade*, Mircea Eliade (1998, p. 11), em uma tentativa de definição da estrutura e da finalidade do mito, afirma que “[s]eria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não especialistas.” Segundo o autor, há dificuldade em sintetizar uma definição única para os tipos e as funções do mito diante das sociedades através dos tempos, pois “[o] mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (Eliade, 1998, p. 11). Entretanto, o referido autor vai definir mito a partir da acepção que lhe “parece a menos imperfeita” e “a mais ampla”, asseverando que

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". [...] Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. (Eliade, 1998, p. 11)

Ainda sobre o mito, Brandão (1998) afirma que a sua essência é a “representação coletiva”. Assim sendo, acreditamos que esse contar sobre o sagrado, sobre a retomada de um tempo primordial (*illo tempore*) e sobre a interferência de seres sobrenaturais na vida dos homens, enquanto aspectos que definem o mito, especialmente o mito greco-romano, pode ser considerado como parte do interesse despertado por essas narrativas ao longo de gerações.

Destarte, ao direcionar o nosso olhar para o mito greco-romano, cabe-nos esclarecer, inicialmente, que o berço da civilização romana foi a Península Itálica, localizada ao sul da Europa, vizinha da Grécia e banhada pelo mar Mediterrâneo. No período em que Roma espalhou seus domínios através da militarização e da realização de várias guerras contra seus vizinhos da Península Itálica (século V a.C. ao século III a.C.), uma das conquistas do Império Romano foi a Grécia. Sobre esse contexto, Junito de Souza Brandão (1998, p. 345) vai afirmar que “Roma, com o ímpeto e a bravura de suas legiões, subjugando pelas armas a Grécia, foi por ela intelectualmente derrotada”.

O conhecimento acerca da origem da mitologia grega nos remete a textos escritos que nos foram deixados pela Antiguidade. Essa mitologia certamente foi fortalecida e perpetuada, principalmente, através das obras de dois grandes poetas: Homero e Hesíodo. Homero, a quem foi atribuída a autoria de *Ilíada* e *Odisseia*, consideradas obras basilares da literatura ocidental, faz de sua épica parte da essência que consagrará o mito grego (dizemos parte da essência porque uma outra parte será realização de outro grande poeta grego: Hesíodo). Assim, a Guerra de Troia e as façanhas realizadas por seus personagens, contadas na narrativa épica de *A Ilíada*, representam um dos pontos mais altos da mitologia grega, uma vez que os principais episódios dessa guerra servirão como subterfúgio para que o autor da referida epopeia realize a difícil tarefa de cantar a cultura grega através de seus versos.

Como parte desse contexto, cabe destacar ainda que as manifestações culturais da Grécia foram as mais ricas de toda a Antiguidade Clássica, deixando uma herança que influenciou várias civilizações posteriores, inclusive a civilização romana. Da soma e transformação dos deuses, semideuses e heróis da Hélade às bases da cultura romana, surgiu uma mitologia latina de forte influência grega. Algumas divindades de origem grega chegam a receber nomes latinos, sem perderem a identidade de sua força representativa. Assim, ao entrar em contato com a civilização grega (século III a.C.), os romanos assumiram os deuses helenos, moldando-os a sua própria realidade cultural, que jamais seria a mesma depois que a *Urbs* romana entra em contato com os habitantes do Olimpo.

Tão extensa foi a sedução/potestade do mito greco-romano, que até mesmo o Cristianismo o reforçou ou lhe serviu de disfarce para que ele sobrevivesse aos séculos e chegasse à contemporaneidade ainda como fonte inspiradora não somente para a literatura. Assim sendo, é possível observar que, no caso da literatura de cordel, ao unir o conteúdo clássico vinculado ao mito à poesia popular, ela também coloca em evidência aspectos como a recepção e o processo de ressignificação atribuído ao mito greco-romano no seio dessa literatura de profundo caráter cultural. Aqui, esse conteúdo assume o papel de símbolo que manifesta conceitos de equivalência entre realidade e fantasia, atuando como fonte de inspiração para o poeta popular, que, ao revisitar as narrativas que contam sobre os mitos, reconta, em versos, as aventuras dos deuses mitológicos greco-romanos ou também os convida a fazerem parte de suas narrativas, evocando-os como modelo/representação mágica

de um personagem ou de uma realidade. A referência ao mito, na literatura de cordel, também é utilizada em disputas poéticas – peijas como recurso que revela a “erudição”/superioridade do poeta diante de seu opositor, a ser vencido, e diante do ouvinte/leitor/receptor desses versos, que será convencido sobre o talento do poeta e sobre a beleza dos versos improvisados.

## 2 A Antiguidade Clássica em versos de cordel

A oposição clássico/erudito x popular é uma discussão constante dentro e fora da academia. Entretanto, na literatura de cordel, essa aproximação é facilmente verificada em quase todos os períodos de sua produção, como parte da atividade de reconto/adaptação em versos populares de obras consagradas, tanto da literatura universal quanto da literatura brasileira. É como parte desse intercâmbio que personagens mitológicas e narrativas épicas da Antiguidade Clássica passam a integrar esse universo.

Donos de um enorme poder de sedução, os mitos fascinam também pela sua expressão de não exatidão, de grandiosidade e de fantasia. O mito é ilimitado em seu tempo e em sua riqueza de interpretações. A multiplicidade interpretativa deste talvez se deva à proximidade que tem com o inconsciente coletivo em qualquer sociedade, pois, em sua profunda significação cultural, a capacidade de mitização é comum ao ser humano em qualquer grupo social a que este pertença e em qualquer etapa de sua vida. É seguindo esse percurso que as divindades/personagens e façanhas da mitologia greco-romana passam a permear o universo poético do poeta popular em composições de cordel que vão desde a peija<sup>1</sup> até o reconto/adaptação de obras como *A Ilíada* e *A Odisseia*, de Homero.

Desde as primeiras peijas registradas pela literatura de cordel, a referência aos personagens míticos é uma constante. Já na *Primeira peija de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*, acontecida na cidade de Patos, sertão da Paraíba, provavelmente no final do século XIX, o aclamado poeta popular Romano do Teixeira, ao recorrer aos personagens mitológicos como temática de desafio para o embate poético, deixa sem resposta o seu oponente, o poeta Inácio da Catingueira:

---

<sup>1</sup> A peija está entre os gêneros que fazem parte da cantoria de viola. Em uma tentativa de classificação desta como parte da literatura de cordel, ela é integrada ao grupo 3, ao qual pertencem as cantorias e peijas, segundo apresentado por Diéguas Júnior (2012), em seu livro *Ciclos temáticos na literatura de cordel*.

**Romano:**

Latona, Cibele e Réa  
Íris, Vulcano e Netuno  
Minerva, Diana e Juno  
Anfitrite e Androcéia  
Vênus, Climene, Amaltéia  
Plutão, Mercúrio e Teseu  
Júpiter, Zoilo e Perseu  
Apolo, Ceres, Pandora  
Inácio desata agora  
o nó que Romano deu

**Inácio:**

Seu Romano deste jeito

eu não posso acompanhá-lo  
se desse um nó em martelo  
ia vê eu desatá-lo  
mais como foi em ciência  
cante só que eu me calo

**Romano:**

Inácio eu reconheço  
que és bom martelador  
agora não podes mais  
reconheça meu valor  
porque eu em cantoria  
não temo nem a doutor.

(Lima, 19-- , p. 8)

Essa alusão às divindades mitológicas como exibição de conhecimento e também como forma de amedrontar os adversários é recorrente em várias outras peijas da literatura de cordel, entre as quais podemos citar a *Peleja de Manoel Camilo dos Santos com João Silveira*; a *Peleja de Azulão com Palmeirinha*; a *Peleja de Manoel Raimundo com Manoel Campina*; o *Encontro do Cego Aderaldo com Rodolfo Cavalcante*, entre outras. Cabe destacar ainda que esse é um recurso temático utilizado pelos poetas populares, em desafios e peijas, que se estende desde as primeiras manifestações desse gênero, registradas através da escrita, até a contemporaneidade, como é o caso da *Peleja de Zé Limeira com Zé Ramalho da Paraíba*, de Arievaldo Viana.

## 2.1 Versos de cordel que recontam histórias “puramente” mitológicas

A cultura ocidental, há mais de dois mil anos, retoma histórias de personagens e lugares do universo mitológico greco-romano na elaboração de suas obras, nos mais diferentes campos do conhecimento e manifestações artísticas, perpetuando o processo de recepção dessas histórias ao longo dos séculos. Essa mitologia também perpassou e perpassa o universo dos poetas populares em suas narrativas em cordel, que “traduziram”, em versos, os mitos para os seus leitores, povoando-lhes o imaginário.

Essa “tradução”, elaborada na linguagem do povo, muitas vezes, funcionou como a única forma que este público leitor teve para ter acesso a esse universo de fantasia que também espelha questões fundamentais da condição humana, como honra, valentia, compaixão, amor, entre muitos outros. Esses temas não funcionarão, na literatura de cordel,

somente como ponto de identificação entre os leitores e os versos, mas ainda como um convite à reflexão sobre questões sempre atuais, pois os mitos também evocam a realidade de cada ser e de cada contexto, em seu infinito poder simbólico.

Essa produção poética, que “traduz” em versos de cordel a mitologia greco-romana para o povo, estende-se tematicamente da apresentação de aedos da Antiguidade Clássica, como é o caso do folheto de Gonçalo Pereira da Silva, *Homero: primeiro épico da humanidade*, até elaboração de poemas totalmente dedicados ao esclarecimento sobre personagens e acontecimentos mitológicos e o reconto das grandes narrativas da mitologia greco-romana, como é caso dos cordéis que têm como tema a história de Helena de Troia e as adaptações de *A Ilíada* e de *A Odisseia*.

Assim sendo, destacamos, como parte dessa produção, obras de alguns poetas populares que retomaram o mito greco-romano como ponto de partida e inspiração para a elaboração de seus versos, entre eles, Elias Alves de Carvalho, autor de pelo menos três folhetos dedicados a essa temática. O primeiro tem como título *Coisas da mitologia: pequeno relato de fatos puramente mitológicos*.<sup>2</sup> Esse folheto, publicado em 1976, é composto, excepcionalmente, de mais de trezentas e sessenta estrofes, distribuídas ao longo de setenta e nove páginas. O conteúdo dessa obra também foi republicado em dois folhetos de mesmo título (1º[2] e 2º volumes) e em mais outros dois folhetos: *As divindades lendárias e a vida dos mortais* (Coisas da Mitologia) e *O domínio lendário dos deuses* (Coisas da Mitologia). Nos volumes do folheto *Coisas da mitologia: pequeno relato de fatos puramente mitológicos*, o poeta inicia seu canto a partir do mito das “origens” (Titãs), “Gênios e personagens Mitológicos”, “Personagens Infernais”, mas também faz referência a outras mitologias, como a nórdica e a hindu. Entretanto, predomina a referência que retoma a mitologia greco-romana, apresentando ao leitor dos versos personagens mitológicos, origens e façanhas. Em sua explanação sobre esses “seres fantásticos”, descreve criaturas como as Górgonas e a Quimera, assim como apresenta ao leitor os grupos a que pertence cada um desses personagens devidamente nominados, amazonas, centauros, ciclopes, ninfas, entre outros. Também fazem parte desse folheto a narração poética de alguns “dramas e mistérios dos

---

<sup>2</sup> Agradecemos à equipe do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por possibilitar o acesso à leitura do folheto *Coisas da mitologia: pequeno relato de fatos puramente mitológicos* – 1º volume, pertencente ao acervo da instituição.

semideuses”, entre os quais podemos citar a trágica história de amor de Hero e Leandro, Laio e Jocasta, as façanhas de Teseu e, finalizando a obra, o poeta reconta de forma breve alguns fatos e episódios da guerra de Troia. Como última estrofe do folheto, o poeta canta sobre a infinitude do conteúdo mitológico e sobre o encanto e beleza da mitologia:

Vamos parar por aqui,  
esta linda fantasia  
de conteúdo infinito,  
me falta sabedoria  
para mostrar a grandeza,  
os encantos e a beleza  
que tem a MITOLOGIA.

(Carvalho, 1976, p. 39)

No folheto *As divindades lendárias e a vida dos mortais* (Coisas da Mitologia), também de autoria de Elias A. de Carvalho, o poeta inicia suas sextilhas em versos heptassílabos, informando ao leitor que

As origens mais remotas,  
o mistério, a fantasia,  
a lenda, a crença e a fábula,  
criaram a mitologia;  
em prol da literatura  
da arte e da poesia.

Carvalho (1984, p. 1)

A seguir, conta/canta sobre os Campos Elíseos e as regiões infernais, descrevendo, respectivamente, as belezas e horrores desses lugares mitológicos. Em seus versos, o poeta também fala sobre os moradores de cada uma dessas regiões, uma vez que, nos Campos Elíseos, “paraíso de prazeres e doçuras”, moram os “heróis de boa ventura”, “sem dor e sem sofrimento”, mas é para os horrores e moradores das regiões infernais, “o reinos dos maus”, “cheio de suplício e torturas”, “lugar temível de horror,/ onde o crime é castigado” (Carvalho, 1984, p. 1-2), que está direcionada a maior parte dos versos desse folheto. Assim, enfatiza personagens como Cérbero, o cão de três cabeças, que guarda a entrada; Caronte, o barqueiro infernal que transporta os infelizes na travessia do principal rio dos mortos, Aqueronte; os juízes responsáveis por lavrarem as condenações: Radamanto, Eaco e Minos; As Fúrias, executoras das sentenças dos julgados como culpados, entre outros.

A ênfase dada pelo poeta popular na descrição dos horrores, das penas e das personagens habitantes dessa região, onde ocorre todo “gênero de tortura” e onde não há

“esperança de fuga,/ socorro ou consolação” (Carvalho, 1984, p. 2), em uma linguagem simples e próxima do povo, revela um certo alerta do poeta para o leitor desses versos, uma espécie de mensagem que diz para cuidar de suas ações; cumprindo, assim, junto ao leitor, não somente o papel do poeta que encanta com sua poesia, mas também o compromisso de formar e informar, comum à literatura de cordel, enquanto texto utilizado como meio para a alfabetização de muitos, nos vastos sertões do nordeste, principalmente.

Em outro folheto, *O domínio lendário dos deuses* (Coisas da Mitologia), o poeta Elias A. de Carvalho dá sequência ao seu canto que tem como tema principal o mito, referenciando predominantemente personagens da mitologia greco-romana. Inicialmente, esclarece ao seu leitor sobre a possibilidade de comparação entre personagens mitológicos e seus inexplicados “mistérios”, que apenas têm nomes diferentes em diferentes culturas, mas que, alegoricamente, assumem a mesma função no patamar dos mitos junto aos povos.

Observemos o primeiro verso da segunda estrofe do folheto, no qual o poeta nomeia Júpiter, “a mais importante divindade do panteão romano” (Brandão, 1993, p. 189), comumente identificado com Zeus, deus da mitologia grega, “o pai dos deuses e dos homens” (Brandão, 1991, p. 499), e Amon ou Osíris, uma das principais divindades do Antigo Egito, o rei dos deuses e força criadora da vida, ambos como grandes divindades ligadas ao panteão superior (céu), acima dos deuses e dos homens, regentes da vida e das forças da natureza:

Mesmo alguns considerando  
temos casos mitológicos  
mentira ou superstição,  
dignos de comparação,  
mistérios que até hoje  
não tiveram explicação.

Júpiter, Amon ou Osíris,  
como queiram chamar,  
tomou o céu para si,  
a Netuno deu o mar,  
e o reino do inferno  
para Plutão governar.

(Carvalho, 1982, p. 1)

Na continuidade do poema, o entrecruzamento entre personagens de diferentes mitologias segue. Entretanto, a grande referência será, mais uma vez, o mito greco-romano, através da citação de personagens como a deusa Bubona, divindade romana que guardava a fertilidade dos rebanhos bovinos; Hermíona, a filha única de Menelau e Helena (grega); Laverna, a padroeira dos ladrões (divindade romana); a deusa grega do trigo e da terra cultivada, Deméter; a ninfa Cirene, amada pelo deus Apolo (mito grego); Baco, o deus romano do vinho, associado ao deus grego Dioniso, entre outros.

Além do poeta Elias A. de Carvalho, outros cordelistas também retomaram o mito greco-romano como fonte de inspiração para as suas narrativas poéticas. No início da década de 1970, o poeta popular José Cosme da Silva Milanes publicou o cordel *Romance lendário: as 12 batalhas herculinas*. Nesse, ao longo de quarenta sextilhas heptassílabas, são recontados fatos sobre o nascimento, façanhas e morte do herói e também são retomados episódios que narram sobre as “doze empresas perigosas” a que foi submetido Hércules por Euristeu.

Cabe registrar que, nesse folheto, apesar de o poeta afirmar, na primeira estrofe do poema, que vai “narrar/ A mais antiga história/ de Hércules guerreiro célebre/ Herói de vida notória/ Da mitologia grega” (Milanes, 1980, p. 1), a referência ao nome do herói indica a denominação latina, ao que tudo faz crer, do herói grego Héracles, assim como outras divindades referenciadas ao longo do poema, como é o caso de Juno, ao invés de Hera, e Júpiter, ao invés de Zeus, entre outras. Esse fato revela o quanto o poeta popular, assim como muitos leitores, não estabelece uma divisão/diferença entre as divindades mitológicas gregas e romanas, reconhecendo-as como parte de um mesmo conjunto de narrativas. Finalmente, afirma o poeta, em seus versos finais, que as batalhas travadas pelo herói aconteceram em “tempos primordiais”, no tempo do paganismo, entretanto aí estava “uma história/ Versada mais uma vez”, de forma cuidadosa. Aqui, o poeta destaca para o leitor não somente o fato de estar recontando em versos o mito, mas também o seu “cuidado” ao versejar, mais uma vez, sobre as façanhas do herói, já cantadas por outros poetas.

Além de Hércules, outras personagens/divindades e fatos da mitologia greco-romana foram retomados pelos poetas populares em suas narrativas poéticas, em diferentes versões. Um exemplo disso são os cordéis que abordam a guerra de Troia e seus protagonistas. Entre eles, a bela Helena de Troia também será uma inspiração constante para esses poetas. Como exemplos dessa produção poética, podemos citar o folheto de autoria do pernambucano Caetano Cosme da Silva, *Helena, a deusa de Tróia*, escrito em meados do século passado, e, pelo menos, mais dois folhetos contemporâneos escritos pelo poeta cearense Klévisson Viana: *Helena de Tróia e o cavalo misterioso* e *História de Helena e a guerra de Tróia*.

No folheto de Caetano Cosme da Silva, já na estrofe inicial, consta a afirmativa de que o “romance” em versos sobre “Helena, Deusa de Tróia” foi uma joia ofertada ao poeta pela própria “deusa da poesia” e que, por ser “tocante”, contava com o apoio do leitor. Essa

estrofe inicial revela o quão consciente era o poeta popular acerca do fascínio que a temática mitológica exercia sobre os seus leitores, especialmente uma história que tratava de predições, de perigos e bravura, de uma paixão tão grande por uma bela mulher, uma “deusa”; de “um amor louco e vibrante”, que motivaria uma guerra de dez anos, e de uma linda cidade, que foi destruída por um “truque” dos gregos: a construção de “um grande cavalo de pau”, ofertado como presente aos troianos.

Ao longo das cento e sessenta estrofes (sextilhas heptassílabas), o poeta popular tece em seus versos uma teia que prende o leitor não somente pela temática abordada, mas também pela linguagem “aclimatada” (Ayala, 1997) ao entendimento do leitor simples do povo e pelo recorte que faz em sua narrativa, onde tudo que é secundário e que pode dificultar o entendimento da história vai ser dispensado pelo poeta, que assume o controle da história contada através de sua “pena”:

E no reino se atracaram  
N’um medonho vai-e-vem  
Muitos diziam: eu hoje  
Não me sujeito a ninguém  
E tanto morria grego  
Como troiano também  
[...]

Caros apreciadores  
O livro está terminado  
Contei tudo direitinho  
Do jeito que foi passado  
O excesso e o resumo  
Por mim foi improvisado

(Silva, [19--])

O folheto de Klévisson Viana, *Helena de Tróia e o cavalo misterioso*, em pouco mais de trinta estrofes, apresenta uma versão bem mais resumida sobre a história de Helena e de seu rapto pelo príncipe troiano Páris, ação que motiva a guerra de Troia. Na primeira estrofe, o poeta invoca as “Deusas da mitologia”, para que lhe tragam inspiração e “a luz da imaginação” para narrar “uma guerra/ De nação contra nação” que teria ocorrido “Na remota antiguidade/ Em tempos já esquecidos” (Viana, 2000, p. 1). Também em uma linguagem próxima do povo, destaca a bela Helena como “a mais bela do mundo”, raptada e seduzida por Páris, motivo pelo qual Menelau, rei de Esparta e esposo de Helena, forma “um exército numeroso” para que a sua amada fosse resgatada. A partir desse ponto, a narrativa se volta para breves episódios da guerra, principalmente o que retoma a construção de um cavalo de

madeira presenteado pelos “espartanos”<sup>3</sup> aos troianos enquanto artifício que causou a derrota de Troia e o resgate de Helena, com quem teve ainda muitos filhos. Ao final, o poeta atribui sentido a esse episódio, explicando aos possíveis leitores de seus versos que:

Quanto à famosa imagem  
Do cavalo de pau, então  
Entrou logo pra história  
Representando armação  
Pra tapear o inimigo  
E ganhar uma questão.

(Viana, 2000, p. 9)

Em outro folheto, *História de Helena e a guerra de Tróia*, também de autoria de Klévisson Viana, o poeta repete as cinco primeiras estrofes e mais algumas outras ao longo da narrativa poética que elabora para o cordel que tem como título *Helena de Tróia e o cavalo misterioso*. Há também, na elaboração desse folheto, um processo de reescrita de algumas estrofes também presentes no texto anteriormente citado e o acréscimo de muitas outras que ampliam os fatos contados através de referências ao aedo Homero, à história do herói Aquiles e sua vulnerabilidade, à astúcia de Ulisses e à construção do cavalo de pau, motivo da derrota dos troianos. O final imaginado para Helena e Menelau se repete, assim como a explicação, também ampliada pelo poeta, acerca da ideia que ficou no imaginário popular quando se faz referência a um “Presente de Grego”:

Quando você ganha algo  
Que lhe traz desassossego  
O nosso povo hoje em dia  
Dessa expressão faz emprego  
Quando o presente é ruim  
Diz: – ‘É Presente de Grego!’

(Viana, 2006, p. 14)

Ainda retomando como inspiração a mitológica guerra, seus episódios e protagonistas, também no século passado, o poeta Augusto Ferraluso publica, no interior de um folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante, *O homem que virou mulher*, o cordel *A destruição de Tróia*. Aqui

---

<sup>3</sup> É importante destacar que, nas epopeias homéricas, os gregos são chamados geralmente de “aqueus”, “argivos” ou dânaos, não havendo, portanto, uma identificação particularizada referente a Esparta. Entretanto, nos folhetos do poeta cearense Klévisson Viana, *Helena de Tróia e o cavalo misterioso* e *História de Helena e a guerra de Tróia*, foram os “espartanos” que conseguiram deixar o cavalo junto ao portão das muralhas de Tróia. Também no folheto *A destruição de Tróia*, de Augusto Ferraluso, na estrofe final, o poeta afirma: “Assim Esparta venceu/ Uma guerra tão ferina”.

não há um destaque específico para um personagem; o grande tema abordado será a guerra de Troia. Escrito em heptassílabos e trinta estrofes de sete versos, sétimas, o poema conta sobre o povo e as belezas da mítica cidade, que já existia “Antes da Era Cristã”, ainda assim, afirma o poeta, “a história tem valor/ E nada perde o leitor/ Por conhecê-la (Ferraluso, [19--], p. 12)”. A narrativa poética trata de forma resumida sobre o reinado de Príamo, a viagem de Páris a Esparta, o seu encontro primeiro com a Rainha Helena e a paixão que nasce entre os dois, a fuga de volta a Troia e a guerra que dura “dez anos de horror!”, finalizada com o episódio do cavalo de Troia e a derrota dessa cidade, “Saqueada” e “destruída” por Esparta.

Assim, o reconto da guerra de Troia atravessa o tempo também como parte da literatura de cordel e, como parte das narrativas poéticas escritas por poetas populares, chega à contemporaneidade utilizando-se de diferentes suportes para alcançar o leitor também do século XXI. Entre esses suportes, destacaremos aqui, além do folheto, o cordel em livro, ricamente ilustrado e portador de adaptações versejadas de clássicos universais que têm como temática fatos e personagens do universo mitológico greco-romano, como *A Ilíada*, *A Odisseia* e *A Eneida*.

Fazem parte dessa produção poética três cordéis escritos pelo poeta popular Stélio Torquato de Lima, publicados no suporte folheto (Figura 1) pela editora Queima-Bucha, como parte da Série Obras-Primas Universais em Cordel. Na capa de cada folheto, apresenta-se uma espécie de convite ao leitor, materializado nas referências verbais e visuais que o informam sobre a história a ser contada, sobre o autor e sobre o seu adaptador. Na sequência, encontraremos páginas que apresentam a série e uma espécie de segunda capa, que antecede os versos de cada adaptação da qual fazem parte, nos três folhetos, imagens que fazem referência à figura do poeta Homero, entre elas o quadro *Apoteose de Homero* (1827), do pintor e desenhista francês Jean-Auguste Dominique Ingres. Ao final de cada folheto, encontraremos informações sobre o autor/adaptador e também, na quarta capa, informações sobre a obra adaptada. Esta será a apresentação gráfica dos cordéis *A Ilíada*, *A Odisseia* e *A Eneida*, apresentados ao leitor, inicialmente, no suporte folheto.

Figura 1 – Capas dos folhetos: *A Ilíada*, *A Odisseia* e *A Eneida*

Fonte: Lima ([200-]a; [200-]b; [200-]c).

Em *A Ilíada*, o volume 1 da referida série, a narrativa em cordel, adaptação da epopeia homérica, será apresentada ao leitor em 69 estrofes de seis versos heptassílabos. Na primeira estrofe do poema, está o pedido do poeta para que consiga “Narrar com graça e esmero/ Os feitos do grande Aquiles,/ Herói afamado e fero/ da grande epopeia grega/ A Ilíada de Homero.” (Lima, [20--]a, p. 5). Ao final do poema, na última estrofe, o poeta, dirigindo-se ao leitor de seus versos, utiliza-se de um recurso muito comum no processo de comercialização dos folhetos em feiras do interior sertanejo, que é o despertar da curiosidade do leitor, de forma oralizada, acerca do final da história que, muitas vezes, era recitada até certo ponto, pelo próprio autor durante a venda de seus poemas no meio da feira e, quando questionado sobre como terminava a história pelos leitores ouvintes, ele respondia que comprassem o folheto para conhecerem o final. Neste folheto, o poeta se dirige ao leitor como a convidá-lo a conhecer outra história, também de Homero, a ser contada no próximo folheto, *A Odisseia*.

A saga do bravo Ulisses  
 É o tema de outra epopeia  
 Produzida por Homero  
 E que se chama Odisseia.  
 Depois eu conto essa história:  
 Não acha uma boa ideia?

(Lima, [200-]a, p. 22)

Em *A Odisseia*, segundo volume da série, composta por 104 estrofes, também de seis versos heptassílabos, nas quatro primeiras estrofes, além do pedido por inspiração para narrar “A saga do grande Ulisses”, o poeta também faz referência ao folheto anterior, talvez

como forma de lembrar o leitor sobre a continuidade da história prometida e, a seguir, anuncia o grande tema e o “grande artista” a serem versejados a partir de então.

Já em outra ocasião,  
Tratei da Guerra de Tróia,  
Ao referir-me à Ilíada,  
De Homero, rara joia.  
Torno ao tema bem seguro,  
Pois a verdade me apoia.

Assim como na Ilíada,  
A citada epopeia,  
Também a Guerra de Tróia  
É o tema da Odisseia.

Mas nela, novas façanhas  
Seguem juntas na boleia.

Nessa obra de Homero  
Muda o protagonista:  
Aquiles saiu de cena;  
Ulisses é o grande artista.  
E outras sagas são contadas  
Pelo grego ficcionista.

(Lima, [200-]b, p. 3-4)

Ao final do poema, novamente o poeta se dirige ao leitor, desta vez, não para anunciar a próxima história, mas para se desculpar por algum esquecimento acerca dos fatos narrados e para expressar o desejo de ter agradado a este ao contar sobre a saga “De Ulisses, grande rei”.

O volume 3 da série Obras-Primas Universais em Cordel, *A Eneida*, segue a mesma proposta de elaboração dos folhetos anteriormente citados. Também composta por sextilhas (99) com versos heptassílabos, nas estrofes iniciais, apresenta um pedido a Deus por ajuda, feito pelo poeta para cumprir “Um trabalho nada fácil:/ Retratar com precisão/ E com um estilo grácil/ As lutas do herói troiano/ Pela conquista do Lácio” (Lima [200-]c, p. 3). Na sequência, o poeta apresenta o protagonista da epopeia, Enéias, e a obra a ser adaptada em seus versos:

Eneida é essa obra  
(De Virgílio é a autoria).  
Com as obras de Homero,  
Forma uma trilogia:  
Nas três, a Guerra de Tróia  
Se revela em poesia.

(Lima, [200-]c, p. 3)

Ao final da narrativa poética, o poeta encerra a história do “bravo Enéias”, encerrando também a sua história, de forma breve, como a comunicar ao leitor que ali também encerrava o seu contar sobre a Guerra de Troia e seus protagonistas: “E aqui termino a história/ Que Virgílio nos legou” (Lima, [200-]c, p. 27).

Mais tarde, esses três folhetos também foram publicados como parte do livro *Primas em cordel*: versões de 12 clássicos da literatura universal (Figura 2). Os cordéis *A Ilíada*, *A Odisseia* e *A Eneida*, representados ao leitor no suporte livro, ricamente ilustrado, iniciam essa publicação de Stélio Torquato, com ilustrações de André de Miranda. Essa obra, ao adaptar para a literatura de cordel grandes clássicos da literatura, revela não somente a “inesgotabilidade” desses textos, mas também nos permite observar como, mais uma vez, “[a] tradição popular do cordel consegue unir a erudição e o popular, trazendo para a atualidade textos marcantes da literatura universal com xilogravuras que estimulam o imaginário e transportam o leitor para as histórias revisitadas” (Brasil, 2018, p. 331). Assim, ao lado dos versos, os textos visuais em xilogravuras que retomam imagens mitológicas remetem o leitor a episódios-chave de cada história contada, fortalecendo, a partir dessa constituição verbovisual, a atração e a compreensão deste acerca dos fatos e dos personagens mitológicos abordados na narrativa poética.

Figura 2 – *Primas em cordel* (capa) e páginas de abertura de *A Ilíada*, *A Odisseia* e de *A Eneida*



Fonte: Lima (2018).

Cabe lembrar ainda que estamos reportando diferentes tipos de leitores ao tratarmos dessas obras como publicações disponibilizadas ao público em dois suportes diferentes, um primeiro, o mais tradicional, mais próximo daqueles leitores acostumados à leitura do texto publicado em folhetos de caráter popular, e um segundo, mais recente, veiculado por um mercado editorial mais elitizado e, por vezes, destinado a leitores a serem conquistados também pelos atrativos materializados nesse suporte. Ainda assim, o fascínio em relação à temática da mitologia permanece como sendo o grande atrativo para a leitura desses textos, independentemente da classe social ou da idade desse leitor.

Enquanto ratificação dessa ideia, citaremos ainda, como exemplo de retomada do mito greco-romano como inspiração para a composição do poeta popular em versos de cordel e do fascínio que esse tema exerce sobre diferentes leitores e em diferentes épocas, os livros de Fábio Sombra e Maurício de Sousa: *A Guerra de Tróia em versos de cordel* e *Turma da Mônica Jovem: Ulisses e a Odisseia em Versos de Cordel* (Figura 3).

Figura 3 – Capas dos livros *A Guerra de Tróia em versos de cordel* e *Turma da Mônica Jovem: Ulisses e a Odisseia em Versos de Cordel*



Fonte: Sombra e Sousa (2015; 2016).

Em ambas as obras, o adaptador/cantor é o poeta cego de nome sugestivo “Homero Brasilino”, encontrado por Mônica, na rua, vendendo cordéis em um varal. Aqui, as histórias adaptadas são “aumentadas” pelo poeta e cantadas com o acompanhamento da viola, e nelas também se faz presente a interferência do poeta, que se dirige ao leitor, como forma de deixá-las mais próximas de seus leitores/ouvintes. Nas duas obras, cada episódio da história em versos recebe um título e é apresentado ao leitor em sextilhas ricamente ilustradas.

A obra *A Guerra de Tróia em versos de cordel* apresenta, em sua abertura, um texto narrativo que informa o leitor sobre a literatura de cordel e faz referência aos grandes poemas e autores épicos e como esses pediam às musas inspiração e proteção na composição de seus versos e também, no texto final, assim como na tradição dos folhetos de cordel, anuncia a próxima história a ser contada, uma “história que se passa depois da *Ilíada* e se chama *Odisseia*” (Sousa; Sombra, 2015, p. 56).

Da mesma forma, a história anunciada também tem, em suas páginas iniciais, um texto narrativo que conta sobre o reencontro da turma com o poeta, que fala a seus ouvintes sobre o destino dos guerreiros gregos, após o final da guerra de Troia. Entre esses guerreiros, estava Ulisses, o herói de *A odisseia*, e a história de suas aventuras ao voltar para Ítaca e para

os braços de sua amada esposa, Penélope. Este foi o enredo que serviu como ponto de partida para a história recontada em versos de cordel pelo poeta, que justifica o seu canto afirmando:

é isso que me faz amar tanto as histórias da Grécia Antiga: elas lidam com todas as grandes emoções humanas, o amor, o ódio, a raiva, o desejo de vingança e, principalmente, o desejo de justiça. E é por causa desse grande amor que resolvi recontar a *Odisseia* com meus próprios versos de cordel e trazer aos jovens do nosso tempo uma história que encanta o mundo há séculos! (Sombra; Sousa, 2016, p. 13)

Nas últimas páginas da obra *Turma da Mônica Jovem: Ulisses e a Odisseia em Versos de Cordel*, de Fábio Sombra e Maurício de Sousa, também encontramos a promessa de “novas histórias”, uma vez que “Só da mitologia grega são diversas narrativas fantásticas” (Sombra; Sousa, 2016, p. 57). Ao se despedir dos amigos, que lamentam o fim das “histórias sobre a Guerra de Troia”, o poeta afirma poder “contar em versos ainda muitos outros enredos da Grécia Antiga”, e cita como exemplo as “aventuras de Teseu”, os “doze trabalhos de Hércules” e a “lenda de Jasão e os Argonautas...” (Sombra; Sousa, 2016, p. 57). Observemos as sugestivas reticências utilizadas para encerrar as palavras do poeta sobre os muitos enredos da mitologia grega que ainda podem ser contados. As narrativas são encerradas com uma quadra em versos heptassílabos na qual o poeta, “com sua voz forte”, anuncia o término de uma história “das boas”:

E assim termina a história.  
Foi das boas, sim, senhor.  
Cessa o canto e silencia  
O cantar do trovador.

(Sombra; Sousa, 2016, p. 57)

Na sequência, como parte do encerramento dos textos, as duas obras apresentam o esclarecimento de “curiosidades” sobre o poeta grego Homero e sobre os “dois grandes poemas épicos” a ele atribuídos.

Por conseguinte, ao considerarmos obras como *Primas em cordel*, de Stélio Torquato, *A Guerra de Tróia em versos de cordel* e *Turma da Mônica Jovem: Ulisses e a Odisseia em Versos de Cordel*, de Fábio Sombra e Maurício de Sousa, é possível identificar também o leitor a quem esses textos estão direcionados, tanto formalmente, como o caso da obra *Primas em cordel*, parte do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) literário 2018,

indicado para alunos do Ensino Médio, quanto informalmente, como é caso das obras de Maurício de Sousa e Fábio Sombra, que apresentam ao seu jovem público um texto triplamente fascinante: a temática abordada, o suporte livro ricamente ilustrado com imagens belíssimas e o gênero cordel, através do qual, em sextilhas heptassílabas, reconta episódios e façanhas de personagens do mito greco-romano utilizando-se de narrativas – em prosa e poesia – que se encontram entre si e também encontram e seduzem o jovem leitor a quem estão destinadas.

Ainda como expressão da continuidade desse processo que retoma como fonte de inspiração o mito greco-romano e que se estende na literatura de cordel, desde meados do século passado, cabe-nos citar como texto que desperta a curiosidade do leitor e a necessidade de um olhar analítico que tenha como ponto de partida essa temática, a obra de Márcia Coelho Gontijo, *Odisseia em cordel*, publicada em 2019. Vale lembrar ainda as produções em cordel publicadas através de suportes digitais, como é o caso dos poemas *Mitologia Grega: Hefesto, o deus feioso* (Recanto das Letras); *Mitologia Grega – O Minotauro* (Recanto das Letras) e *Mitologia Grega – Os doze trabalhos de Hércules* (Universo do cordel), do poeta popular Jerson Lima de Brito.

Destarte, ao ponderar sobre a produção da literatura de cordel que revisita a mitologia greco-romana como fonte para o reconto/a adaptação, atentamos para o fato de que as obras citadas ao longo deste texto são apenas uma parte de um conjunto maior de textos produzidos no seio dessa literatura de caráter popular, que visita constantemente o clássico e o traduz para o povo, na linguagem do povo.

### 3 Considerações finais

O mito, tão antigo quanto o próprio homem, encontrou e encontrará sempre, na literatura, diferentes formas de ser conhecido/ recepcionado por gerações de ouvintes e de leitores, quer seja através da contação e recontação de histórias, da recitação de poemas, da atividade de escrita e reescrita ou da simples atividade de leitura.

Uma mesma história recontada em diferentes épocas e lugares, mas ainda rodeada do mesmo fascínio de séculos, é esse o processo adaptativo que envolve o gênero cordel quando poetas populares, à moda dos aedos da Antiguidade, também tomam de suas penas para

cantar em versos e estrofes populares a mitologia clássica greco-romana, seus personagens e façanhas, em uma linguagem que fala diretamente ao imaginário do povo, elaborando uma espécie de tradução que dispensa o que é secundário nessas histórias e acrescenta o que os leitores dos versos de cordel esperam encontrar no cerne dessas narrativas poéticas ressignificadas pelo poeta popular e pelo seu público receptor. É como parte desse processo que encontraremos diferentes versões e finais para a adaptação de uma mesma história, muitas vezes, elaborada de forma que atenda intencionalmente à expectativa do leitor por um final feliz para a heroína ou para o herói protagonista da narrativa em versos.

Assim, a literatura de cordel segue sua trajetória na contemporaneidade vinculada à tradição dos folhetos e aos seus leitores habituais, mas também como produto de um novo mercado editorial que a apresenta, em diferentes suportes, a novos leitores. Entretanto, acreditamos que a construção poética, o ritmo, a linguagem, a musicalidade e o fascínio dos muitos temas abordados nas histórias cantadas/contadas certamente são os grandes ingredientes dessa literatura que, em sua aparente simplicidade, mantém vivo, entre outras fontes de referência temática, o fascinante processo de revisitação ao clássico enquanto recurso que lhe permite seguir instigando e seduzindo leitores, em diferentes épocas e espaços.

## Referências

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. **Literatura e Sociedade: Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada USP**, n. 2, p. 160-169, 1997.

<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i2p160-169>

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRASIL. **Guia Digital PNLD 2018** – Literário Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRITO, Jerson Lima de. **Mitologia grega**: Hefesto, o deus feioso, 2010. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/2357521>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRITO, Jerson Lima de. **Mitologia grega** – O Minotauro, 2010. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/199912>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRITO, Jerson Lima de. **Mitologia grega**: os doze trabalhos de Hércules, 2010. Disponível em: <https://universodocordel.blogspot.com/2010/11/os-doze-trabalhos-de-hercules.html>. Acesso em: 22 jun. 2024.

CARVALHO, Elias A. de. **Coisas da mitologia**: pequeno relato de fatos puramente mitológicos. Petrópolis: Imprensa Vespertino Ltda., 1976.

CARVALHO, Elias A. de. **O domínio lendário dos deuses** (Coisas da Mitologia). Petrópolis: [s.e.], 1982.

CARVALHO, Elias A. de. **As divindades lendárias e a vida dos mortais** (Coisas da Mitologia). Petrópolis: [s.e.], 1984.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. De Pola Civelli. 5. ed. São Paulo: Princípios, 1998. (Coleção debates)

FERRALUSO, Augusto. A destruição de Tróia. In: CAVALCANTE, Rodolfo Coelho (org.). **O homem que virou mulher**. Salvador: Tipografia e Livraria Bahiana, [19--].

GONTIJO, Márcia Coelho. **Odisseia em cordel**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.

LIMA, Silvino Pirauá de. **Primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira**: quando Patos ainda era uma pequenina vila. Editor: Antonio Americo de Medeiros, [19--].

LIMA, Stélio Torquato. **Primas em cordel**: versões rimadas de 12 clássicos da literatura universal. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018.

LIMA, Stélio Torquato. **A ilíada**. Mossoró: Editora queima-Bucha, [200-]a.

LIMA, Stélio Torquato. **A Odisseia**. Mossoró: Editora queima-Bucha, [200-]b.

LIMA, Stélio Torquato. **A Eneida**. Mossoró: Editora queima-Bucha, [200-]c.

MILANES, José Cosme da Silva. **Romance lendário: as 12 batalhas herculinas**. Natal: UFRN, 1980.

SILVA, Caetano Cosme da. **Helena, a deusa de Tróia**. Ed. Prop. João José da Silva: Tipografia Luzeiro do Norte, [19--].

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Homero: primeiro épico da humanidade**. Rio de Janeiro: ABLC, 2009.

SOMBRA, Fábio; SOUSA, Maurício de. **A Guerra de Tróia em versos de cordel**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

SOMBRA, Fábio; SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica Jovem: Ulisses e a Odisseia em Versos de Cordel**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.

VIANA, Antônio Klévisson. **Helena de Tróia e o cavalo misterioso**. Fortaleza: Editora Tupynanquim, [2000].

VIANA, Antônio Klévisson. **História de Helena e a guerra de Tróia**. Fortaleza: Editora Tupynanquim, [2006].

---

Recebido em: 20.06.2024

Aprovado em: 23.08.2024